

# A CONSTRUÇÃO BEM QUE S COMO UMA CONSTRUÇÃO DE INTERSUBJETIVIDADE: UNIDADE VERSUS DIVERSIDADE PRAGMÁTICA

## THE “BEM QUE S” CONSTRUCTION AS A CONSTRUCTION OF INTERSUBJECTIVITY: UNITY VERSUS DIVERSITY IN PRAGMATICS

Clara Sousa\*

Diogo Pinheiro\*\*

**RESUMO:** Construções de intersubjetividade são utilizadas pelos falantes para estabelecer coordenação cognitiva com outros sujeitos (Verhagen, 2005), por exemplo marcando cálculos do falante acerca de estados mentais do interlocutor e servindo a funções comunicativas. Seguindo o referencial teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006), identificamos que a Construção Bem Que S, exemplificada por frases do tipo “Bem que me avisaram que ia chover” e “Eu bem que poderia ir à praia”, pode ser considerada intersubjetiva. Nosso objetivo final é, reconhecendo primeiramente uma certa unidade discursiva nos seus usos, demonstrar, por meio de uma análise qualitativo-interpretativa, que há também uma grande diversidade conversacional nas suas instâncias, propondo uma sistematização das funções comunicativas associadas a essa construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intersubjetividade. Polidez. Impolidez. Gramática de Construções.

**ABSTRACT:** Constructions of intersubjectivity are used to establish cognitive coordination between subjects in an interaction (Verhagen, 2005), for example marking the speaker’s calculations about the interlocutor’s mental states and serving communicative functions. Within the theoretical framework of Use-Based Construction Grammar (Goldberg, 2006), we point out that the Bem Que S Construction, instantiated in utterances literally translated to “Well that I was told it was going to rain” and “Well that I could go to the beach”, is to be considered intersubjective. Here, we recognize, at first, a certain discursive unity in its uses; then our aim is to demonstrate, via a qualitative-interpretative analysis, that there is also a great conversational diversity in

---

\* Mestre em Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: css.clarasousa@gmail.com

\*\* Doutor em Linguística pela UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. E-mail: diogopinheiro@letras.ufrj.br

its instantiations. Finally, we offer a systematization of the communicative functions associated with this construction.

KEYWORDS: Intersubjectivity. Politeness. Impoliteness. Construction Grammar.

## INTRODUÇÃO

A literatura voltada para a discussão de fenômenos relativos à cognição reconhece a intersubjetividade como uma habilidade, por excelência, humana (Verhagen, 2005), (Tomasello, 1999), (Premack; Woodruff, 1978). Nós, diferentemente dos outros animais, somos capazes de reconhecer nossos pares como agentes mentais particulares, dotados, por exemplo, de intencionalidade, de desejos e de conhecimentos particulares e específicos – uma capacidade referida por Teoria da Mente (Astington; Baird, 2005). Essa capacidade nos permite aprender juntamente aos demais companheiros de espécie, e não somente através da nossa relação individual com o mundo. Isso implica que a cognição humana seja mais do que um produto da genética: ela tem uma origem cultural (Verhagen, 2005).

Do ponto de vista linguístico, Verhagen defende que essa proposta implica a distinção entre dois tipos de construções gramaticais: as construções de objetividade e construções de intersubjetividade.

O primeiro tipo refere-se aos padrões que servem à representação dos objetos de conceptualização. Estamos remetendo, por exemplo, às construções bitransitiva e locativa, que constroem, respectivamente, o evento de transferência e a ideia de posição em um espaço. Por outro lado, construções de intersubjetividade fazem referência à interação entre sujeitos presentes no nível S (relativo à conceptualização conjunta de determinados objetos). Um exemplo disso é a expressão idiomática *let alone*, utilizado para enquadrar dois diferentes objetos em uma determinada escala (Fillmore; Kay; O'Connor, 1988). Além disso, temos as construções *barely* e *almost*, que funcionam como operadores argumentativos e, ao serem utilizadas, criam determinadas expectativas no interlocutor (Verhagen, 2005).

No português brasileiro, a Construção Bem Que S (CBQ), exemplificada abaixo, se constitui como um caso de construção de intersubjetividade.

- (1) Estou um pouco chocada com a história do cristianismo retratado no livro *Uma Breve História da Humanidade*. Agora estou curiosa para saber mais. Para uma religião que prega o amor e compaixão, eles **bem que** mataram muito em nome do fanatismo.
- (2) Eu **bem que** me avisei para não emprestar minha HQ de *Blade Runner*. Porém não me ouvi.

(3) Poxa, **bem que** eu poderia ter acordado hoje — primeiro dia de 2021 — com 162 milhões de reais na conta.

Em Sousa (2023), os dados acima foram analisados em conjunto com outros análogos retirados do Twitter. O objetivo era demonstrar que há uma única generalização semântico-pragmática subjacente ao uso da Construção Bem Que S. Foi demonstrado, especificamente, que em todas as suas instanciações ocorre a associação do valor de negação de pressuposição negativa. Nesse sentido, esse trabalho propõe que a CBQ é intersubjetiva, na medida em que, em todos os seus usos pragmaticamente diferentes, é empregada por um sujeito da interação para evocar um mesmo estado mental específico no outro sujeito (o ouvinte).

Apesar disso, é possível observar que a construção é utilizada em contextos pragmáticos notavelmente distintos, ou seja, com diferentes intenções do falante em direção ao seu ouvinte. No exemplo (1), o enunciador pretende contrastar a ideia de que a religião cristã pode ser associada a valores como amor e compaixão com a ideia de que se trata de uma instituição assassina e fanática. Em (2), por outro lado, parece haver uma confissão de um erro, o que não está presente em (1). Já em (3), há uma expressão de desejo – o que por sua vez não corresponde às funções comunicativas constatadas nos dados anteriores.

Do ponto de vista da “Gramática de Construções Baseada no Uso” (Goldberg, 2006), modelo adotado neste trabalho, o estudo contribui para a afirmação de que há unidade nos usos de “bem que”, uma vez que o valor semântico-pragmático veiculado é estável, o que nos permite afirmar que se trata de uma única construção gramatical. No entanto, afirmar que a CBQ é utilizada para marcar um cálculo acerca dos conhecimentos do ouvinte não é suficiente para abranger toda a complexidade de seu polo funcional, na medida em que não explica sistematicamente as diferentes interpretações pragmáticas flagradas em (1-3), por exemplo. Para lidar com a diversidade conversacional, é necessário demonstrar como, em cada caso, o falante se posiciona em relação ao seu ouvinte no jogo intersubjetivo: em cada uso da Construção Bem Que S, que imagem ele quer passar? Há alguma imagem que ele *não* deseja transmitir? O enunciador pretende *atacar* seu interlocutor? Ou talvez *protegê-lo*?

Esse é o objetivo deste artigo. Pretendemos avançar na descrição da generalização semântico-pragmática proposta para a CBQ (Sousa, 2023). Propomos, detalhadamente, uma descrição dos seus diferentes usos. Especificamente, pretende-se, aqui, sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006): (i) acrescentar mais funções comunicativas veiculadas por meio da Construção Bem Que S, para além dos de admissão de erro e desejo já apontados; e (ii) tipologizar todas as funções pragmáticas identificadas. Desse modo, será possível dar conta de maneira mais ampla do fenômeno intersubjetivo em jogo na utilização dessa construção, contribuindo para a descrição do seu polo semântico.

Primeiramente, discutiremos uma diferenciação de dois tipos de pragmática, abordando alguns conceitos importantes neste trabalho. Em seguida, apresentaremos a proposta

desenhada em Sousa (2023). Demonstraremos, por meio de uma análise de estrutura informacional, que todos os usos de “bem que” veiculam um mesmo significado estável. Em seguida, apresentaremos uma diferenciação das instanciações da Construção Bem Que S, a partir de uma análise qualitativo-interpretativa de dados retirados do Twitter<sup>1</sup>, propondo uma organização das funções comunicativas performadas<sup>2</sup>. Por fim, concluiremos este artigo.

## PRAGMÁTICAS

O problema da existência tanto de homogeneidade quanto de diversidade pragmática nos usos da CBQ, na verdade, reflete a existência de dois diferentes tipos de pragmática (Lambrecht, 1994): a pragmática discursiva e a pragmática conversacional<sup>3</sup>. A estrutura informacional de uma sentença está inserida no âmbito da pragmática *discursiva*, que se preocupa em entender como informações de natureza pragmática (isto é, interacional) se manifestam gramaticalmente.

Nesse sentido, é relevante identificar as proposições presentes nos enunciados, isto é, as informações que emergem da relação entre os elementos linguísticos. Por exemplo, uma frase como “o namorado da Joana parou de fumar” é estruturada por diversas proposições, como a de que Joana tem um namorado, a informação de que ele fumava e a notícia de que ele parou de fumar. Para além disso, é importante também distinguir as proposições que podem configurar informações velhas ou novas. Informações velhas, ou pressuposições, são aquelas evocadas lexicogramaticalmente por meio de gatilhos, as quais o falante assume que o ouvinte já tem (ou está pronto para tomar como garantidas) no momento em que a sentença é proferida. Na frase mencionada anteriormente, a proposição de que o namorado de Joana fumava é uma pressuposição, já que o falante a evoca implicitamente, presumindo que seu ouvinte já tem conhecimento dela, o que é marcado gramaticalmente pelo verbo de mudança de estado “parou”. Por outro lado, a informação de que ele havia parado com esse hábito é uma asserção: trata-se da proposição que o falante quer efetivamente comunicar ao seu ouvinte, aquele conteúdo que o interlocutor deve possuir como *resultado* de ter ouvido a sentença enunciada. Esses conceitos se inserem em uma análise discursiva, pois dizem respeito ao modo como as informações se organizam gramaticalmente nos enunciados. A pragmática *conversacional* se preocupa em entender as funções comunicativas de um uso, ao analisar interpretação de enunciados no que concerne às suas configurações conversacionais. Nesse campo, é relevante analisar, por exemplo, o gerenciamento de face entre os sujeitos (Brown; Levinson, 1985).

<sup>1</sup> Os dados utilizados neste artigo e em Autor e Autor (2023) foram retirados da mesma amostra de 499 dados do Twitter em que a sequência “bem que” aparece. Tal amostra está disponível em Autor (2023).

<sup>2</sup> A sistematização de funções comunicativas da CBQ proposta aqui parte de Autor (2023).

<sup>3</sup> Essa divisão também remete à tipologia das implicaturas segundo Grice (1955), que distingue as implicaturas convencionais das conversacionais, respectivamente.

Segundo Brown e Levinson, a face é a visão pública que um indivíduo tem de si mesmo, composta por dois tipos de desejos que, por sua vez, constituem dois polos dessa instituição. A face positiva é relacionada ao desejo do sujeito de ser apreciado pelos demais participantes da sua comunidade; a face negativa diz respeito aos desejos de liberdade de um indivíduo. A análise de enunciados sob a perspectiva conversacional pode, portanto, entender de que maneira falante e ouvinte atuam no gerenciamento desses desejos. Diante de um ato ameaçador da face negativa, como um pedido, por exemplo, o falante costuma colocar-se usando modalizadores, como “por favor”, que suaviza a ameaça à face negativa. Fazer uma crítica a um par também pode vir acompanhada de suavizadores, como expressões do tipo “eu não tenho certeza, mas...”, que atuam para diminuir o efeito do julgamento, favorecendo o salvamento da face positiva do interlocutor. Observar esse tipo de estratégia linguística é importante para esse tipo de pragmática, na medida em que diz respeito à configuração de um discurso tendo em vista o reconhecimento (ou não) dos desejos do interactante.

Em Sousa (2023), a generalização feita para os usos da CBQ foi feita, essencialmente, em termos de pragmática discursiva, uma vez que apresenta uma descrição da estrutura informacional atualizada pela construção, apontando especificamente que asserção é veiculada e que pressuposição é evocada por ela. Quanto à pragmática conversacional, é necessário ainda uma descrição mais atenta para dar conta não de uma generalização de todos os usos, mas de uma sistematização de como eles se diferenciam, conforme objetiva este artigo.

## CBQ: PRAGMÁTICA DISCURSIVA

Amostras de sentenças com a Construção Bem Que S nos fazem encarar o fato de que seu uso é pragmaticamente diverso. O significado abstrato associado a ela não é autoevidente. O dado (1), citado anteriormente, ilustra uma *rejeição* de uma ideia pré-existente de que o cristianismo está associado a sentimentos positivos, como amor e compaixão, ao afirmar que, na verdade, é uma instituição perversa. No entanto, (2), (4) e (5) citados logo abaixo, parecem contradizer essa dinâmica; o falante parece *concordar* com a ideia de que não deveria emprestar sua HQ e de que a série pioraria; e com a afirmação da mãe, respectivamente.

(4) **Bem que** me falaram que Lovecraft ia piorando com o decorrer dos episódios. O melhor segue sendo o primeiro mesmo.

(5) **Bem que** minha mãe disse que não sou todo mundo...

O uso da CBQ para veicular valores pragmáticos exatamente contrários (o de concordância e o de rejeição) é algo que desperta curiosidade. Observar que ela pode ser também utilizada para transmitir uma ideia de desejo, como exemplificado em (3), aparentemente sem relação com esse par opositivo, é ainda mais instigante. Identificar um único valor sendo veiculado de maneira estável em todos os usos dessa construção não é uma tarefa trivial.

A proposta alinhavada em Sousa (2023) parte, primeiramente, da observação de que, apesar dessas diferenças apontadas, é possível dizer que todos os usos da CBQ, análogos a (1-5), instanciam, de alguma maneira, a semântica de rejeição. Em (1), isso é bastante evidente. O que se observa nos dados (2), (4) e (5) é que eles evocam a ideia de que o falante, mais do que concordando com a ideia de outrem, está admitindo um erro. Isto é, ele está confessando que estava errado ao, especificamente, não concordar com a proposição referida nas sentenças: ele admite estar errado por ter discordado, ou não ter dado a devida importância, ao aviso de que não deveria emprestar sua revista; de que Lovecraft pioraria ao longo dos episódios; e de que ele seria “todo mundo”. Portanto, nesses casos, o falante rejeita a validade do seu posicionamento anterior, admitindo seu equívoco.

A observação do valor de rejeição também vale para dados como (3), (6) e (7), abaixo:

(6) **Bem que** podia ter um botão na Netflix “continuar onde você pegou no sono”.

(7) Eu digo que não queria a Manu no BBB, mas **bem que** eu queria acompanhar 24h ela de novo.

Em tais casos, não apenas ocorre uma expressão de desejo, mas também o reconhecimento, por parte do falante, de que não se esperava que ele verbalizasse esse desejo. Ao proferir sentenças como (3), (6) e (7), o enunciador parece reconhecer, por meio da CBQ, que está fazendo algo em alguma medida indiscreto ou estranho. Segundo essa análise, isso acontece porque a construção evoca a expectativa social de que o falante não deveria expressar desejo por algo improvável ou exótico, como, por exemplo, receber a quantia referida, ter acesso a um botão com uma tecnologia fora da realidade atual e ter a oportunidade de acompanhar mais uma vez um mesmo participante em um *reality show*. Ao utilizar a CBQ, o locutor faz referência a essa espécie de regra social, ressaltando que está a contrariando. Nesses casos, a construção representa linguisticamente o ato de descumprimento da regra, enquadrando o comportamento do falante como contrário às expectativas sociais. Ao enquadrar sua ação como uma transgressão, o falante admite, implicitamente, via pressuposição, a existência dessas expectativas. Esse reconhecimento, por sua vez, funciona como um mecanismo de preservação de face, indicando que, embora esteja indo de encontro ao convencional, está ciente das normas de conduta social<sup>4</sup>.

<sup>4</sup>Um parecerista anônimo argumentou que o uso da CBQ estaria associado à ideia não de rejeição, mas de reconhecimento da impossibilidade (de realização do desejo expresso). Nota-se que essa proposta está perfeitamente alinhada à nossa análise: afinal, se, ao usar a CBQ, o falante sinaliza – conforme argumentamos acima – seu reconhecimento de que o desejo que está sendo expresso é improvável e exótico, então estamos aqui, de fato, diante da ideia de reconhecimento da impossibilidade. Nesse ponto, portanto, concordamos inteiramente com o parecerista em questão. Nosso argumento, porém, é de que esse componente semântico não é *suficiente* (embora seja necessário) para caracterizar semanticamente usos como (3), (6) e (7). E isso por duas razões. Em primeiro lugar, porque uma explicação que não envolva o componente de rejeição, próprio dos demais usos, como já se viu, implicaria admitir uma situação improvável de homonímia, em que formas muito semelhantes ou idênticas expressariam conteúdos distintos não relacionados – o que contraria toda uma tradição de pensamento funcionalista sintetizada no chamado Princípio da Motivação Maximizada (Goldberg, 1995).

Observa-se, evidentemente, que usos como (3), (6) e (7) diferem, em certa medida, dos demais. Enquanto em dados como (1), (2), (4) e (5) a negação está relacionada ao inverso do conteúdo proposicional explicitado nos enunciados (os eventos de o catolicismo assassinar pessoas, de o falante emprestar sua revista, de a série piorar ao longo dos episódios e de o falante não ser igual a todo mundo), em (3), (6) e (7), o que se nega não corresponde ao contrário das asserções veiculadas nos enunciados, mas as regras sociais não expressas linguisticamente. O que Sousa (2023) apontam é que, apesar dessa diferença, há ainda uma unidade nos usos da CBQ, uma vez que a semântica de rejeição está presente também nos usos associados ao valor de desejo. O falante denota via CBQ a sua transgressão de determinadas expectativas sociais.

Mais detalhadamente, a proposta é a de que à Construção Bem Que S está associado o valor de rejeição de pressuposição negativa. Em termos lambrechtianos, o seu polo funcional pode ser caracterizado pela presença da asserção [não é verdade que [não X]], em que [não X] é um conteúdo semântico evocado via pressuposição (Lambrecht, 1994). Essa fórmula configura uma generalização semântica elaborada a partir de elementos da estrutura informacional dos enunciados (portanto, relativa à pragmática discursiva) que deve ser aplicável a todo e qualquer construto que instancie o padrão construcional esquemático referido por CBQ. Afirma-se, com isso, que essa construção é intersubjetiva na medida em que é usada por um indivíduo para marcar, em todas as suas manifestações, um cálculo acerca do conjunto de conhecimentos detidos pelo seu par.

De fato, essa é uma formulação que dá conta de descrever qual conteúdo semântico é adicionado à sentença pela utilização da sequência “bem que”. Vejamos o dado (1): o que a presença da CBQ provoca é a evocação da ideia de que o cristianismo, ao contrário do que é afirmado no final, não teria cometido muitos assassinatos em nome do fanatismo. Afinal, como o enunciador mesmo sugere, uma religião que prega amor e compaixão não teria feito algo do tipo. Nesse caso, a pressuposição evocada [não X] corresponde a [não [cristianismo matar muito em nome do fanatismo]], uma ideia corrente na sociedade e presumida pelo falante como conhecida pelo ouvinte.

Ao utilizar a construção, o enunciador destaca que está em desacordo com essa proposição, defendendo que é, sim, verdade que o cristianismo cometeu tais assassinatos. Em outras palavras, a asserção [não é verdade que não [X]] é atualizada como [não é verdade que [não [o cristianismo matou muito em nome do fanatismo]]], sendo utilizada para marcar linguisticamente a oposição do falante à posição pressuposta, que sugere que o cristianismo não teria cometido tais atos.

---

Além disso, usos como esses evocam, pragmaticamente, uma ideia de indiscrição ou tom confessional – um efeito de sentido que é imediatamente capturado pela análise proposta (já que se trata de marcar o reconhecimento de que o desejo expresso viola uma expectativa de comportamento social). Como se observa, a análise proposta aqui, ao mesmo tempo em que acomoda a intuição do parecerista, preserva o Princípio da Motivação Maximizada e permite explicar um efeito de sentido que, de outra forma, permaneceria misterioso. Voltaremos a esse ponto adiante.

Dados como (2), flagrantemente distintos de (1), também podem ser descritos a partir dessa fórmula. Ora, como foi dito, o falante evoca, por meio do uso da construção, a noção de que, em um momento passado, teria descreditado, ou pelo menos não se comprometido integralmente com a ideia, de que a série Lovecraft pioraria ao longo dos episódios. A evocação dessa ideia somada à afirmação de que isso efetivamente aconteceu provoca o efeito pragmático de admissão de erro. Sendo assim, o que se observa é que o falante marca, via CBQ, a sua previsão de que seu ouvinte sabe do conteúdo semântico [não X], aqui instanciado como [não [Lovecraft pioraria ao longo dos episódios]], uma proposição elaborada pelo próprio enunciador no passado. Para além de evocar essa ideia implicitamente, ele também veicula via asserção que acredita que não é verdade que Lovecraft não pioraria ao longo dos episódios: na realidade, observou-se que isso era de fato verdadeiro, pois, como ele mesmo diz, o melhor episódio é o primeiro.

Por fim, mesmo aqueles dados que expressam desejo, uma função pragmática tão diferente das anteriores, instanciam essa generalização semântica. O efeito causado, em dados como (3), (6) e (7), pela presença da construção, de que o falante pretende de alguma forma reconhecer que está fazendo algo conversacionalmente indiscreto, decorre implicitamente ao fato de ser evocada a expectativa de o enunciador não explicitar desejos por algo improvável ou impossível. Nesse sentido, a construção atua para evocar a pressuposição [não [falante expressar desejo por D]], em que D deve ser um objeto de desejo considerado exótico no contexto. Em (3), por exemplo, o conteúdo semântico [não X] corresponde, especificamente, a [não [falante expressar desejo por acordar com 162 milhões de reais na conta]], um evento com baixa probabilidade de ocorrência – e, portanto, socialmente compreendido como algo que não se espera que alguém de fato considere como uma possibilidade<sup>5</sup>. Com efeito, do ponto de vista interacional, expressar linguisticamente que se deseja algo do tipo poderia ser percebido socialmente como “forçado”, dado que ultrapassa o limite do provável ou alcançável diante do fato de que a sociedade é organizada de tal maneira que as pessoas não recebem uma quantia alta de dinheiro sem nenhum motivo aparente e de maneira súbita, como a frase sugere. Ou seja, ao utilizar a CBQ, o falante evoca essa espécie de regra social, mas, ao mesmo tempo, ousa expressar o desejo em questão. Por meio da construção, ele enquadra sua expressão de desejo como contrária às expectativas, destacando esse reconhecimento para o interlocutor. Tecnicamente, o que ele faz é negar, via asserção, a pressuposição [não X], o que corresponde, nesses casos, a algo do tipo “quero que você saiba que reconheço que a minha expressão de desejo contraria o que você espera”<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Um parecerista anônimo sugeriu que a semântica da CBQ poderia ser descrita em termos de máximas conversacionais (Grice, 1975). Em princípio, seria possível dizer que, por meio da construção, o que o falante evoca é a expectativa de que ele não quebraria a máxima da qualidade, isto é, não afirmaria algo falso, como que haveria a possibilidade de existir um botão como o citado, por exemplo. Trata-se, naturalmente, de uma declaração não verdadeira. No entanto, dados como (7) são contraevidência dessa análise. Na verdade, é possível, sim, que a participante Manu retornasse ao BBB. O falante, via CBQ, parece marcar que é improvável que isso ocorra, não exatamente que se trata de uma afirmação falsa.

<sup>6</sup> Conforme argumentaremos mais à frente, esse reconhecimento é importante pragmaticamente para que o falante

Como se observa, a análise feita em Sousa (2023) tem o objetivo de provar que, apesar das diferenças pragmáticas entre os usos da CBQ, há uma única generalização semântico-pragmática associada ao padrão construcional. Especificamente, é possível descrever o polo funcional dessa construção analisando sua estrutura informacional, ao se identificar que ela é responsável por evocar, sistematicamente, a pressuposição [não X] e veicular a asserção [não é verdade que [não X]]. Em termos de pragmática discursiva, afirma-se, então, que se trata de um padrão responsável por marcar o valor de rejeição de pressuposição negativa: nessa medida, a construção é intersubjetiva ao ser utilizada para marcar um cálculo feito pelo enunciador acerca do conjunto de conhecimentos do ouvinte. A análise evidencia, pois, o caráter intersubjetivo da construção salientando a unidade discursiva existente entre as instanciações da Construção Bem Que S.

## **O POLO SEMÂNTICO DA CBQ SOB UMA PERSPECTIVA CONVERSACIONAL**

O olhar focado em entender como os diferentes usos da CBQ instanciam uma única generalização semântica é justificado pelo objetivo de descrevê-la enquanto uma construção gramatical (Goldberg, 2006). Para que isso ocorra, é necessário entender de que forma ela consiste em um nó particular no *constructicon*, ou seja, em um pareamento de uma única forma sintática abstrata com uma única abstração semântica. Sob a perspectiva semântico-pragmática, é preciso, no entanto, ir além: o conhecimento linguístico do falante não se limita ao reconhecimento da unidade presente no polo funcional de cada construção; o enunciador sabe também que pode se posicionar na interação com seus pares de diferentes maneiras se valendo de um mesmo elemento linguístico. Parte do que está armazenado nesse polo é, exatamente, os contextos interacionais em que as construções são utilizadas (Croft, 2001).

O objetivo aqui é partir da função discursiva da CBQ, conforme proposta em Sousa (2023), para elaborar uma tipologia das funções conversacionais da construção, que, conforme pretendemos demonstrar, vai além daquelas de expressão de desejo e de admissão de erro, apenas apontadas e não desenvolvidas detalhadamente nesse trabalho. Especificamente, pretendemos demonstrar, a partir de uma seleção de dados retirados do Twitter, que há pelo menos cinco diferentes funções pragmáticas associadas à Construção Bem Que S. Na seção seguinte abordaremos a metodologia utilizada; na seção subsequente, trataremos individualmente as cinco funções identificadas e, posteriormente, suas sistematizações.

---

não sofra uma avaliação interacional negativa, sendo visto como alguém que ignora indiscriminadamente regras de comportamento social.

## METODOLOGIA

Para traçar a sistematização dos usos conversacionais da Construção Bem Que S, foi feita uma análise qualitativo-interpretativa de 499 dados retirados do Twitter utilizando o comando “bem que”. Primeiramente, os dados foram levantados utilizando a ferramenta de busca avançada, que permite delimitar a data, o idioma e as palavras a serem buscadas. A ferramenta permite também que algumas palavras sejam excluídas. Nesse caso, foram retiradas da busca as palavras “ainda” e “se”, para que não houvesse resultados de uso de expressões como “se bem que” e “ainda bem que”, muito produtivas no português, o que atrasaria a coleta.

A análise iniciou-se com a coleta dos dados, seguida de uma abordagem individual, em que se buscou classificá-los conforme suas distintas funções comunicativas. Esta etapa envolveu a leitura e interpretação dos enunciados, visando identificar similaridades e diferenças evidentes do ponto de vista pragmático. Os dados foram organizados em uma tabela no Google Planilhas e, em seguida, categorizados com base na proximidade semântica em relação aos cinco tipos de funções comunicativas apresentados aqui.

## DIFERENTES FUNÇÕES CONVERSACIONAIS DA CBQ

Nas próximas subseções serão analisados dados da Construção Bem Que S associados a cinco funções conversacionais diferentes. Em cada uma das seções, trataremos, nesta ordem, dos usos com função de crítica a terceira pessoa; de impolidez; de preservação da face positiva do falante por meio de admissão de erro; de preservação da face positiva do falante ameaçada por expressão de desejo; e de preservação da face negativa do ouvinte ameaçada por realização de pedido.

### CRÍTICA A TERCEIRA PESSOA

No dado (1), o falante utiliza a Construção Bem Que S para estabelecer um contraste entre uma visão positiva e uma visão negativa da religião cristã, rejeitando a primeira e defendendo a tese de que o cristianismo consiste em uma instituição perversa. Esse uso se assemelha um conjunto de dados específico análogos a (8) e (9) abaixo<sup>7</sup>:

(8) Pipipi educar minha filha pra não ficar mostrando a bunda em rede social, ata mas a filha dos outros **bem que** tu gosta de olhar né.

<sup>7</sup>Um parecerista anônimo notou que há uma estranheza no enunciado (9), atribuindo a falta de naturalidade ao tempo verbal de “falhou”. De fato, essa parece ser uma explicação possível, no entanto, os dados obtidos acerca desse tipo de uso da CBQ não nos permitem confirmar essa intuição de forma categórica, de modo que esse ponto deve ser abordado em estudos futuros.

(9) Tackling machine o caralho, **bem que** falhou metade delas durante o miolo da temporada.

Em cada sentença, o falante rejeita uma ideia. Em (8), ele contraria a proposição de que a pessoa em questão não gostaria de olhar o corpo de outras meninas, considerando a sua postura moralista ao educar sua própria filha. Em (9), a expressão “*tackling machine*” se refere a um jogador de futebol americano que, na opinião da página Houston Texans, conforme se vê abaixo, seria uma máquina de fazer *tackles* (uma das ações do futebol americano em que um jogador derruba o outro). Nesse caso, o falante rejeita a ideia de que o jogador seria de fato tão eficiente, questionando seu índice de acertos no movimento ao longo da temporada.

**Figura 1** - Captura do dado (9)



Fonte: Twitter

O que salta aos olhos nos dados (8) e (9), e que também está presente em (1), é a agressividade. Em (8), o uso de interjeições como “ata” e “né” marcam uma atitude irônica e debochada do enunciador sobre a terceira pessoa de que fala<sup>8</sup>. Em (9), o uso da expressão “o caralho” também é uma marca de que o falante tem o objetivo de rejeitar enfaticamente a ideia elaborada por outrem. A própria utilização da estrutura “para uma religião que prega amor e compaixão”, em (1) também serve à função de salientar o caráter contraditório da religião cristã.

É possível dizer que essa atitude revela a intenção do falante de enfatizar, especificamente, a crítica que faz sobre algo ou alguém. Isto é, a CBQ não é necessariamente utilizada, em

<sup>8</sup> No dado (8), embora o falante tenha evocado a segunda pessoa do discurso por meio do pronome “tu”, trata-se de um tuíte feito sem interlocução, isto é, que não responde algum tuíte anterior, nem mesmo evoca um interlocutor por meio da marcação de uma conta com o sinal “@”. É observável, então, que o enunciador não está, de fato, atacando alguém que efetivamente compartilha o *ground* com ele. Por isso, consideramos que esse caso configura uma simulação de interlocução, em que não é possível identificar o mesmo efeito pragmático que uma crítica realizada à segunda pessoa.

dados análogos a esses, com marcas de agressividade. No entanto, no conjunto (1), (8) e (9), ela é um indício de que o enunciador pretende chamar a atenção para a sua rejeição de uma proposição [não X] elaborada por uma terceira pessoa (um indivíduo ou instituição que está fora do *ground* discursivo).

De fato, ao veicular a asserção de negação de uma pressuposição [não X], nesses casos, o falante salienta a sua crítica a uma terceira pessoa qualquer – como o cristianismo, em (1), o pai, em (8), e a página Houston Texans, em (9). A crítica não é feita *por meio* da construção; afinal, ela existe mesmo em enunciados análogos em que não haja a presença da CBQ. O que a construção faz aqui é apenas marcar, léxico-gramaticalmente, que existe uma oposição entre o posicionamento do ouvinte e o de outra pessoa ou entidade. Dados semelhantes podem, portanto, ser caracterizados pela função pragmática conversacional de crítica a uma terceira pessoa, envolvendo casos em que o uso da CBQ é motivado pelo objetivo de enfatizar que o falante discorda da opinião de outra pessoa.

## IMPOLIDEZ

Apesar de nos dados anteriores haver uma crítica direcionada a um ente externo ao *ground*, é intuitivo concluir que há também a possibilidade de estabelecer uma crítica ao próprio interlocutor. Casos como esse não foram encontrados na amostra de dados retirada do Twitter, mas podemos facilmente derivar sentenças a partir de usos de crítica a terceira pessoa. Podemos, por exemplo, fazer a seguinte adaptação do dado (9):

(10) Você diz que é uma *tackling machine*, mas **bem que** falhou na metade da temporada.

Embora a estrutura informacional seja a mesma e embora o próprio valor pragmático de crítica também esteja presente, em termos de efeito conversacional, estamos diante de dois casos bastante distintos. Aqui, ao criticar diretamente o próprio ouvinte, o falante fictício em (10) estabelece uma ameaça à face positiva do seu par (Brown; Levinson, 1985). Isto é, o interlocutor recebe uma rejeição que fere o seu desejo inerente de ser apreciado pelos demais sujeitos, uma vez que a proposição elaborada por ele é caracterizada explicitamente como incoerente ou inválida. Essa atitude do orador constitui um ato de impolidez, pois a crítica a alguém é um ato inerentemente ameaçador de face.

Diferentemente do uso anteriormente visto em (10), o falante torna explícito que está ameaçando a face de algum indivíduo. A ameaça à face não está presente nos usos de crítica a terceira pessoa, simplesmente porque o alvo da crítica não a recebe: desse modo, o efeito de impolidez não se estabelece na situação comunicativa. Aqui, o falante adota uma postura ainda mais ousada, provocando, estrategicamente, uma ameaça aos desejos da face positiva

do seu ouvinte. Com isso, defendemos que casos análogos a (10) são caracterizados pela função conversacional de estabelecer impolidez em direção ao interlocutor.

Observe-se que, neste caso, não é exatamente o uso da construção que provoca impolidez – mesmo porque essa função pragmática poderia ser percebida no enunciado mesmo se a CBQ não tivesse sido utilizada. Na verdade, ao veicular a asserção [não é verdade que [não X]], o que a CBQ faz aqui é enquadrar a crítica como contrária a uma afirmação feita anteriormente. Nesse contexto, o que o falante pretende, ao empregar a construção, é contrastar a sua crítica com a posição contrária do seu interlocutor (a de que ele seria uma *tackling machine*). Em outras palavras, o falante de (10) ressalta, via CBQ, que está fazendo uma *réplica* à avaliação do seu par. As opiniões dos dois interactantes são contrárias, mas, em um exemplo como esse, isso não é apenas contextualmente compreendido: a oposição é léxico-gramaticalmente marcada por meio da Construção Bem Que S.

## PRESERVAÇÃO DA FACE POSITIVA DO FALANTE POR MEIO DE ADMISSÃO DE ERRO

Observamos que a Construção Bem Que S é usada para marcar uma crítica à terceira e à segunda pessoa do discurso. Com base nisso, questiona-se a possibilidade de o falante, por meio dela, marcar também uma crítica a si mesmo. De certa forma, isso é o que ocorre em dados como (2), (4), (5) e os demais abaixo:

(11) **Bem que** dizem que dezembro a gente gasta muito, mas não imaginava tanto. Me ajuda Deus.

(12) Minha filha me deu muito trabalho quando era mais novinha, só eu sei, mas **bem que** me falaram que eu ia sentir muita falta, ela tá crescendo tão rápido, vai com calma tempo...

Como vimos, dados análogos a esse evocam um cenário de admissão de erro: no passado o falante discordou ou, pelo menos, não concordou totalmente com alguma proposição (como a de que em dezembro se gasta muito e a de que ele sentiria muita falta de quando a filha era mais nova). Porém, em um outro momento, ele percebe que essa ideia estava correta e, conseqüentemente, que estava errado ao não acreditar totalmente nela. Assim, ao utilizar a construção, o enunciador faz uma espécie de autocrítica, confessando o seu erro.

Mais detalhadamente, como o falante se posiciona na dinâmica intersubjetiva quando faz usos análogos a (2), (4), (5), (11) e (12)? Primeiramente observa-se que o falante se encontra em uma posição socialmente vulnerável, uma vez que se torna evidente que cometeu um erro. Portanto, sua face positiva está em risco. Ser visto publicamente como alguém que se enganou pode fazê-lo ser mal visto pelos sujeitos ao redor. O que defendemos é que, nesses casos, a Construção Bem Que S, justamente, atua para salvar a face do falante.

As sentenças citadas com a CBQ constituem o reconhecimento de um erro. Fazer isso significa colocar a própria falha em evidência, o que, por um lado, contribui para que sua face fique ainda mais exposta. Ao assumir publicamente o seu equívoco, o falante contribui, estrategicamente, para fazer com que seja, apesar de seu erro, apreciado. Ele afirma que errou (o que, por si só, contribui para que ele seja visto como alguém que, apesar de imperfeito, tem a honra de admiti-lo), mas marca também que, agora, se alinha com a proposição inicial que reconhece como correta. Esse movimento é feito, justamente, via CBQ: ao ser utilizada para veicular a asserção [não é verdade que [não X]], ela alinha o falante à proposição que ele havia rejeitado anteriormente, favorecendo, pois, o salvamento da sua face.

É claro que não apenas a CBQ é utilizada como estratégia para cumprir o objetivo do falante de salvar sua face. Em (11), ao afirmar explicitamente que não imaginava que em dezembro se gastasse tanto quanto alguém havia afirmado, o falante pretende diminuir a carga do seu erro. Não é que ele tenha desacreditado completamente da ideia de que em dezembro se gasta muito, apenas calculou errado o quanto isso era verdadeiro. Em (12), o falante admite ter errado ao achar que não sentiria falta do tempo em que sua filha era mais nova. Todavia, ele também parece querer diminuir a carga do seu erro ao explicitar que a criança deu muito trabalho. Dessa maneira, ele apresenta uma justificativa para ter chegado a essa conclusão anteriormente. Fica claro, por meio da observação do co-texto que, de fato, a intenção do enunciador é preservar a sua face, o que ocorre tanto ao relativizar o seu erro discursivamente, quanto ao reconhecê-lo abertamente via CBQ.

Apesar de haver aqui uma autocrítica, trata-se de um caso bem distinto dos demais usos que apresentam a função de crítica. Em dados como os de crítica a terceira pessoa e de impolidez, o tom é de desafio e de agressividade. Por outro lado, neste exemplo, há um tom de arrependimento por parte do falante. Esse contraste é interessante: ao criticar o outro, o falante sistematicamente utiliza a construção de maneira desafiadora, agressiva; ao fazer uma autocrítica, ele parece mais fazer uma espécie de lamento por ter errado, rendendo-se à aceitação da proposição [X]. A CBQ, além de sempre codificar o mesmo valor discursivo de rejeição de pressuposição negativa pode veicular também, em parte, o mesmo valor pragmático de crítica e ter efeitos conversacionais totalmente distintos. Usos da Construção Bem Que S análogos aos apresentados em (2), (4), (5), (11) e (12) constituem uma estratégia de *polidez*: especificamente, observa-se aqui a intenção do falante de preservar a sua própria face positiva, em particular, por meio de uma admissão de erro.

## PRESERVAÇÃO DA FACE POSITIVA DO FALANTE AMEAÇADA POR EXPRESSÃO DE DESEJO

Voltemo-nos agora para os conjuntos de dados que foram associados, em Sousa (2023), ao valor pragmático de desejo. Estamos nos referindo a enunciados como (3), (6), (7) e os demais a seguir:

(13) **Bem que** o Basquete do Brasil poderia ser mais valorizado né mano.

(14) **Bem que** o @jairbolsonaro poderia renunciar nesse primeiro trimestre, né? Eu até fingiria que nunca soube dos 89 mil na conta da Michelle, papo dez

(15) Imagina ele sendo o primeiro mandatário que contraiu o vírus a ter uma reinfeção! Sendo assim tão estúpido, **bem que** deveria. Seria tão didático...

É flagrante que os dados acima apresentam o valor de desejo: respectivamente, pode-se afirmar que o falante de (13) gostaria que o Basquete fosse mais valorizado; o de (14), que Jair Bolsonaro renunciasse; e o de (15), que o indivíduo em questão (presumivelmente, também Bolsonaro) fosse o primeiro mandatário a ter uma reinfeção pelo coronavírus<sup>9</sup>. Apesar disso, note-se que esse valor é presente nas sentenças mesmo se for retirada delas a Construção Bem Que S, sobretudo pela presença de modalização nos verbos. Se o papel de expressar desejo não é exatamente o que é exercido pela CBQ, o que exatamente ela provoca conversacionalmente? Qual sua função aqui?

O que se percebe, pelo tom de (13-15), é que a presença da construção nesses dados parece constituir um esforço do falante para abrandar o seu enunciado ao evocar a ideia de que ele reconhece algum tipo de indiscrição na sua fala; ou mesmo constitui um esforço para, de alguma forma, engajar com o seu ouvinte, convidando-o para tentar entender o ponto de vista do orador. Subjaz ao uso da CBQ, então, alguma espécie de reconhecimento de que há algo inesperado socialmente acerca daquilo que foi enunciado, algo que exige que o falante se esforce para que o interlocutor compreenda ou talvez concorde.

Precisamente, o que defendemos que a construção faz, aqui, é evocar, instanciando o padrão semântico [não X], uma espécie de regra social relacionada à maneira como os indivíduos se portam na sociedade. Goffman (1983, 1987) defende que os indivíduos, na interação com os pares, se esforçam para parecerem sãos, isto é, para demonstrarem que conhecem e entendem a maneira como o mundo funciona. O que propomos que a CBQ faz é evocar essa expectativa social particular de que uma pessoa se mostrará consciente da organização do ambiente, especificamente no que concerne aos tipos de desejo que são considerados razoáveis de se apresentar.

<sup>9</sup> Infere-se que se trata dessa doença pelo fato de o tuíte ter sido publicado em 2021.

Em outras palavras, algo que se pode calcular a partir das afirmações de Goffman é que não é esperado que alguém expresse desejo por algo que é improvável de acontecer ou considerado indelicado. Há o risco de esse mesmo alguém ser compreendido como incapaz de calcular que o objeto do seu desejo tem baixa probabilidade de concretização, ou ser percebido como insensível, perverso, egoísta, ou até mesmo, não parecer são. Assim, quando um falante utiliza a Construção Bem Que S, ele está, precisamente, evocando a pressuposição de que não expressaria um determinado desejo considerado improvável de se concretizar. Isso é evidenciado, por exemplo, na valorização de um esporte de tão pouca importância nacional, em (13), ou algo extraordinário como a renúncia de um presidente, em (14); nem mesmo um desejo considerado indelicado, como o de que uma pessoa contraia uma doença potencialmente mortal, em (15).

Mas o enunciador, tanto nos dados mencionados quanto nos demais análogos a eles, de fato expressa desejos dessa sorte. Como explicar isso? Embora isso possa parecer problemático à primeira vista, não o é efetivamente, se pensarmos que a generalização discursiva da CBQ prevê justamente que o falante veicule uma rejeição à pressuposição evocada, na medida em que veicula a asserção [não é verdade que [não X]]. Ao ousar expressar seu desejo apesar da existência das expectativas contrárias a essa atitude, o que o enunciador faz, via CBQ, é exatamente ressaltar que reconhece que sua expressão de desejo é contrária ao que se espera, agindo como se estivesse se desculpando pelo seu ato.

Nesse sentido, argumentamos que o emprego da CBQ, nesses casos, contribui, em alguma medida, para salvar a face positiva do falante – que está ameaçada pelo próprio fato de ele veicular um desejo inesperado ou exótico. Isto é, ao mesmo tempo em que expressa um desejo improvável ou impossível, o orador ressalva, via CBQ, que está consciente do fato de que não deveria fazê-lo. No exemplo acima, há pistas contextuais que sinalizam a existência desse esforço. Este é o caso, por exemplo, do uso de “né”, em (13) e (14), que parece convidar o ouvinte a enxergar aquilo que está sendo dito como algo válido. Usar a CBQ para formular enunciados desse tipo é então equivalente a expressar, simultaneamente, o objeto de desejo e algo do tipo “sei que meu desejo é entendido como improvável ou indiscreto, de modo que o fato de expressá-lo não implica que eu tenha perdido o senso de como o mundo funciona – na verdade, eu conheço as normas de comportamento da sociedade em que me insiro e as expectativas sociais associadas a elas. Trata-se, assim, de uma tentativa do falante de convencer seu interlocutor de que ele não deve ter sua imagem pública – isto é, sua face – depreciada. Afinal, ao fazer esse exato movimento, ressaltando o reconhecimento de uma determinada regra social, ele inibe, ou pelo menos dificulta, que os demais o enxerguem negativamente.

Ou seja: o uso da CBQ nos dados acima não é o que está associado à expressão de desejo em si. Na verdade, esse valor está presente nos enunciados a despeito da utilização da construção. O que ela faz é enquadrar essa expressão como algo que vai de encontro às expectativas sociais. Especificamente, o falante faz isso para demonstrar que, apesar de contrariá-las, ele

as reconhece, contribuindo para salvar sua face positiva (seu desejo de ser visto positivamente, em particular como alguém são e ciente das regras de funcionamento da sociedade). Portanto, usos como esse também instanciam casos de polidez, também para proteger a face positiva do falante, particularmente no cenário em que ela é ameaçada pela exposição inesperada de um determinado desejo.

## PRESERVAÇÃO DA FACE NEGATIVA DO OUVINTE AMEAÇADA POR REALIZAÇÃO DE PEDIDO

Um outro conjunto de dados, semelhante ao anterior, pode ser exemplificado por enunciados como estes:

(16) No dia 07/01/2003 estava estreando esta minissérie maravilhosa “A casa das sete mulheres”. Já são 18 anos de puro amor. Poxa @globoplay **bem que** poderia colocá-la na grade hein. Nunca te pedi nada.

(17) Oi @FURIA **bem que** vocês podiam me contratar de presente né.

(18) @TwitterSafety **bem que** podia banir [as contas] uma a uma, né?

Os falantes em (16-18) parecem veicular mais do que o valor de desejo estão, na verdade, realizando pedidos aos seus interlocutores. A mera afirmação de que uma plataforma de streaming poderia adicionar uma série ao catálogo, de que uma empresa poderia fazer uma contratação, e de que o Twitter poderia banir uma série de contas são afirmações que podem ser consideradas óbvias, o que aparentemente dispara uma quebra da máxima da quantidade (Grice, 1955). Ou seja, essas são afirmações pouco informativas, pois todos sabem que existe a possibilidade de que essas ações sejam realizadas. O atendimento à máxima é salvo no momento em que se interpreta que, na verdade, o falante está *pedindo*, respectivamente, a inserção da série, a contratação e o banimento.

De maneira similar aos dados vistos na subseção anterior, o grupo (16-18) também revela uma certa indiscrição, como se o falante estivesse reconhecendo que está realizando alguma atitude indevida. O uso de expressões como “poxa”, em (16), e “né”, em (17) e (18), são evidências de que o enunciador reconhece isso. De fato, pedidos são atos ameaçadores da face negativa dos indivíduos, uma vez que vão de encontro ao desejo de liberdade dos sujeitos (Brown; Levinson, 1985). Efetivamente, o uso da construção nesses dados parece estar associado a uma espécie de pedido de desculpas do falante por estar realizando um pedido ao seu interlocutor.

Nesse sentido, é possível afirmar que aqui também há a evocação de uma regra social via pressuposição<sup>10</sup>. No entanto, o que é evocado é em particular a ideia de que alguém não

<sup>10</sup> Note-se: argumentamos que se trata de um caso de pressuposição, e não de inferência, pois o que o falante faz via CBQ é evocar uma expectativa social pré-existente. Não é o caso, aqui, de transmitir um conteúdo novo para o falante, mas de marcar léxico-gramaticalmente que se está partindo do princípio de que ele conhece a existência de determinadas regras sociais.

deve dirigir pedidos a outros indivíduos, uma vez que pedidos são, como se sabe, atos inerentemente ameaçadores da face negativa. Desse modo, a CBQ evoca aqui uma regra, instanciada pelo padrão semântico [não X], de que o enunciador não realizaria um pedido ao seu ouvinte. Por meio da construção, o que o locutor faz é veicular a asserção [não é verdade que [não X]], enquadrando a sua ação de efetivamente realizar o pedido como contrária à expectativa social, ressaltando assim o caráter indiscreto da sua ação verbal. Por ter veiculado implicitamente a ciência de que está realizando um ato ameaçador à face, o locutor, nesse caso, reconhece e legitima a face negativa do ouvinte, ou seja, seu desejo de liberdade, que está ameaçado pelo pedido. Essa legitimação contribui para amenizar a ameaça e suavizar o pedido.

Portanto, de maneira semelhante aos dois últimos tipos observados, a utilização da construção aqui é uma forma de performar polidez. Especificamente, neste caso, seu uso consiste em preservar não a face do falante, como foi apontado nos demais casos, mas sim a do ouvinte. Além disso, aqui estamos diante de uma ameaça à face negativa, o que decorre do fato de que a intenção é suavizar, por meio da polidez, a realização de um pedido.

## SISTEMATIZAÇÃO DAS FUNÇÕES CONVERSACIONAIS DA CBQ

Quando analisamos as funções comunicativas associadas à Construção Bem Que S, nos deparamos com uma ampla diversidade. Em uma tentativa de organizar as funções descritas, direcionemos um olhar para a proposição [não X], focando especificamente sobre quem é o sujeito que a elabora. Nos usos de crítica a terceira pessoa, o indivíduo por trás da pressuposição rejeitada pelo falante via CBQ é externo ao *ground*. Nos usos de impolidez, esse sujeito é próprio o interlocutor; nos casos de preservação da face positiva do falante através da admissão do erro, o sujeito é o próprio enunciador (em ambos os casos, o sujeito de consciência está, do contrário, dentro do *ground*).

Quanto aos usos de preservação da face positiva do falante ameaçada por expressão de desejo e aos usos de preservação da face negativa do ouvinte ameaçada por realização de pedido, os elaboradores das proposições de que um sujeito não deveria expressar um desejo socialmente inaceitável e de que um sujeito não deveria realizar um pedido são também indivíduos externos ao *ground*, pois essas expectativas nascem da organização social da comunidade. A diferença entre eles reside na intenção de proteger o próprio falante no primeiro caso e de proteger o ouvinte no segundo. No entanto, estamos nos referindo aqui não a uma terceira pessoa específica, como no primeiro uso analisado, mas sim a uma terceira pessoa genérica: um indivíduo qualquer enquanto membro de um meio social, que possui determinadas expectativas acerca do comportamento dos seus pares. Essa sistematização pode ser organizada visualmente no quadro abaixo.

**Quadro 1** - Sistematização das funções conversacionais da CBQ

1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa		
Proteção da face positiva do falante por meio de admissão de erro	Impolidez	<b>Específica</b>		
		<b>Genérica</b>	<b>Intenção de proteger o ouvinte</b>	Crítica a terceira pessoa Proteção de face positiva do ouvinte ameaçada por expressão de desejo
			<b>Intenção de proteger o falante</b>	Proteção de face negativa do falante ameaçada por realização de pedido

Fonte: Sousa (2023)

Ao examinarmos o conjunto das funções como um todo, conforme apresentando no Quadro 1, é possível observar que a CBQ, nos três primeiros usos analisados, está associada à função de realizar uma crítica, seja em um tom agressivo nos usos de crítica a terceira pessoa e impolidez, ou em um tom de lamento, como no caso de admissão de erro. Essa associação não é, de maneira alguma, presente nos dois últimos casos vistos. Para além de os enunciados que instanciam esse padrão poderem ser diferenciados sob esse aspecto, podemos pontuar também que há usos bastante opostos dessa construção, tendo em vista que pode ser usada para performar tanto polidez, quanto impolidez. De fato, Givón aponta que é uma característica comum das estruturas de negação, “de alguma maneira, paradoxalmente”, serem usadas tanto com função de desafio, quanto de suavização (Givón, 1993, p. 195).

Adicionalmente, é possível observar dois tipos de intersubjetividade em jogo nos usos da Construção Bem Que S (Tantucci, 2021): os três primeiros, nos quais o sujeito de consciência elaborador da proposição [não X] é um ente específico, podem ser considerados exemplos de intersubjetividade imediata. Já nos dois últimos casos, temos instâncias de intersubjetividade estendida pois evocam, de maneira distintas, estruturas sociais complexas que ultrapassam o limite da interação imediata entre os sujeitos.

Ou seja: é notável a grande diversidade pragmática da Construção Bem Que S. Para dar conta do seu polo funcional, uma descrição em termos de pragmática discursiva não dá conta da riqueza conversacional associada a esse padrão, que envolve as diferentes maneiras como o enunciador se posiciona no jogo intersubjetivo, ora protegendo o seu interlocutor, ora atacando algo ou alguém, ora protegendo a si mesmo.

## CONCLUSÃO

Na tentativa de descrever o polo semântico-pragmático da Construção Bem Que S, é preciso abordar tanto as diferenças entre os construtos instanciados por ela quanto suas relações.

Sousa (2023) apresentam uma proposta de generalização semântica do padrão, apontando que todo e qualquer uso dessa construção evoca a pressuposição [não X] e veicula a asserção [não é verdade que [não X]] — uma análise de cunho discursivo. Neste artigo, propusemos uma complementação a essa descrição, dedicando-nos a entender e sistematizar como esses usos se diferenciam, especificamente sob a ótica da pragmática conversacional.

Nesse sentido, confrontamos dados que sugerem haver pelo menos cinco tipos de instanciação do padrão construcional analisado: o de crítica a terceira pessoa; o de impolidez; o de preservação da face positiva do falante por meio de admissão de erro; o de preservação da face positiva do falante ameaçada por expressão de desejo; e o de preservação da face negativa do ouvinte ameaçada por realização de pedido. Nossa análise dá conta, então, de uma descrição mais detalhada do fenômeno intersubjetivo associado ao uso da CBQ: não apenas essa é uma construção de intersubjetividade por ser utilizada para evocar determinados conhecimentos do ouvinte, como também por ser usada para performar diferentes funções comunicativas do falante em direção ao seu ouvinte, buscando ora criticar, ora valorizar, de diferentes maneiras, algum determinado participante da interação.

## REFERÊNCIAS

ASTINGTON, Janet Wilde; BAIRD, Jodie A. (Ed.). **Why language matters for theory of mind**. Oxford University Press, 2005.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. **Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone**. *Language*, vol. 64, n. 3. set. 1988.

GOFFMAN, Erving. **Felicity's condition**. *American journal of sociology*, v. 89, n. 1, p. 1-53, 1983.

GOFFMAN, Erving; KIHM, Alain. **Façons de parler**. Ed. de Minuit, 1987.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. New York: Oxford University Press, 2006.

GRICE, P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds.). **Syntax and semantics 3: Speech acts**, p. 41-58, 1975.

LAMBRECHT, K. **Informational structure and sentence form: topic, focus and the mental representation of referents**. Cambridge: University Press, 1994.

PREMACK, David; WOODRUFF, Guy. Does the chimpanzee have a theory of mind?. **Behavioral and brain sciences**, v. 1, n. 4, p. 515-526, 1978.

SOUSA, Clara. **Estrutura informacional e polidez em Gramática de Construções**: um estudo da Construção Bem Que S. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 150. 2023.

TANTUCCI, Vittorio. **Language and social minds**: The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

TOMASELLO, Michael. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Londres: Harvard University Press, 1999.

VERHAGEN, Arie. **Constructions of Intersubjectivity**: Discourse, Syntax and Cognition. Oxford: Oxford University Press, 2005.

Recebido para publicação em: 28 abr. 2023.

Aceito para publicação em: 16 out. 2023.